



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5812 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MULHERES INFAMES E NATUREZA NO PAMPA GAÚCHO

Juliana Corrêa Pereira Schlee - FURG/PPGEA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Paula Corrêa Henning - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE

Paula Regina Costa Ribeiro - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MULHERES INFAMES E NATUREZA NO PAMPA GAÚCHO

O presente trabalho faz parte de uma investigação tecida no interior de um grupo de pesquisa, em que buscamos analisar fragmentos literários com a intenção de dar visibilidade para as mulheres infames e suas relações com a natureza pampeana, trazendo importantes problematizações para o campo de saber da Educação Ambiental.

Recorrentemente na história e cultura do pampa gaúcho, podemos observar a posição de destaque e centralidade que o gaúcho – homem, viril – é colocado e assumido, inclusive nas suas relações com a natureza do pampa. Na potência de provocar outros questionamentos a partir da literatura questionamos se é possível outras relações no pampa? Outras posições e relações entre as mulheres e a natureza?

Como aporte teórico investimos nos estudos foucaultianos, mais especificamente no conceito de infame a partir do texto “A vida dos homens infames” (FOUCAULT, 2003) para nos ajudar a problematizar a vida das “mulheres infames” no pampa através da literatura. Os infames são personagens que misturam o real e a ficção, que não possuem nenhum papel apreciável, e que não fazem parte da história oficial de heroísmo e glória.

Com a finalidade de provocar uma problematização sobre as relações das mulheres com a natureza no pampa, vale a pena pensarmos quando tratamos da história do pampa gaúcho: Quem são os infames? Ou melhor, as infames? Mulheres que não são narradas na história oficial do Rio Grande do Sul, mas que contribuíram na fabricação do território pampeano, nas suas relações com a natureza no qual não são glorificadas, mas que deixam breves rastros do seu encontro com o poder.

Para este estudo buscamos passagens literárias no conto “Secreto Segredo” publicado

no livro “Contos de Sempre” (1983) do escritor Aldyr Garcia Schlee e no “Diário de Cecília de Assis Brasil” escrito por Cecília no início do século XX. Neste material buscamos o que é contado sobre as mulheres pampeanas, escolhidas a partir do que nos provoca através de sua intensidade e emoção, que nos atravessam e nos fabricam enquanto mulheres do pampa, em uma espécie de herbário como nos fala Foucault, reunimos vidas singulares, estranhos poemas.

É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos (FOUCAULT, 2003, p. 199).

Estes poemas-vidas que selecionamos através da literatura, são “fragmentos de discurso carregando os fragmentos de uma realidade da qual fazem parte” (2003, p. 202), o que nos faz pensar sobre as mulheres infames e suas relações com pampa gaúcho, com a natureza.

Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispuesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos dos seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, um espécie de grandeza assustadora ou digna de pena. Partí em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir (FOUCAULT, 2003, p. 203).

Partimos em busca dessas espécies de partículas, tendo como intercessor Foucault, a fim de analisar na literatura acreditamos que somos ensinadas e convocadas a pensar como somos constituídas mulheres e como se estabelecem as relações socioambientais no pampa gaúcho.

No livro de Aldyr Schlee “Contos de Sempre” (1983) selecionamos o conto “Segredo Segredo” (1983, p. 69), que tem como personagem principal Tamara, uma mulher de cobre, com jeito de índia, que se instalou num rancho nas serras de Erval:

Ela vivera ali seu mistério, sob a copa frondosa, no gosto das uvas, no cuidado com o rancho, no regar das flores e na lida de todo dia. Deixara ali o seu mistério, na ausência dos passos, nas peças vazias desocupadas pelo vento e as résteas de luz, e nas frinchas, e no ringir dos batentes. Desse mistério talvez fossem testemunhas o corujão e o ouriço-cacheiro que ninguém via no escuro daquelas solidões; ou no colorido garnizé que animara as manhãs esplendorosas ou o gato amarelo que ronronara feliz no portal de outros tempos perdidos na ruína e na desolação (SCHLEE, 1983, p. 69).

No trecho acima é referido o espaço e a posição que situa as mulheres, no cuidado com o rancho, no regar das flores e na lida de todo o dia. Aos homens, os gaúchos, sua posição é de outra ordem, uma relação de conquista e desbravamento do território pampeano, no mito moderno de domínio da natureza tendo um misto de superioridade e igualdade com essa natureza.

A exaltação do gaúcho viril e bravo é possível ver inúmeras vezes na música, na fotografia, na arte, na história e na cultura pampeana, um gaúcho marcado pela força, coragem na lida campeira, moldado pela relação com o cavalo e com o cachorro.

E as mulheres? Quais as relações entre as mulheres e a natureza? Há também uma relação de proximidade? Vemos recorrer uma posição de amor, de cuidado, de delicadeza,

uma relação que não é exaltada e glorificada como na relação do gaúcho com o pampa. Essas relações que se estabelecem com a natureza no pampa são construções históricas e culturais, e que criam subjetividades e modos de ser e de viver na atualidade

A parreira abriu-se numa latada e encheu-se de cachos que incharam e se coloriram. O pátio manteve-se limpo e enriqueceu-se no desabrochar das flores, no aroma do pão e no alarido dos passarinhos que vinham de todo o lado. O gato observava tudo paciente e o galo, exagerava solene nas preocupações (os olhos fosforescentes do gato, corujão no escuro; as penas arrepiadas do garnizé, espinhos do ouriço).

E Tamara, a china Tama, na solidão (SCHLEE, 1983, p. 71).

Tais representações encontradas nos trabalhos literários, como no exemplo acima, auxiliam nas fabricações de algumas verdades sobre natureza e pampa que, nesse embate de forças vão nos capturando e tornando-se parte de nossas ações diárias. Dessa forma, nesses discursos vamos nos construindo e expressando verdades como fabricações desse próprio tempo. Por isso pretendemos problematizar as condições de possibilidades para a emergência de discursos que regulam e criam modos de se relacionar com o pampa, com a natureza de uma forma e não de outra.

Ao compreender a constituição de natureza no pampa, assumindo uma posição de fabricação desse discurso através de sujeitos contingentes, fabricados na e pela história, que Renata Schlee (2018) realizou seu estudo sobre pampa, cultura, natureza, e os sujeitos.

Assim encaro a natureza como um discurso. Um discurso que tem seu tempo, uma verdade que se estabelece numa legitimidade de forças que compõem um espaço-tempo, um tempo histórico. No Pampa, a natureza se constrói, também, como discurso, e entender que discursos são esses nos possibilita pensarmos em quem somos e como nos atualizamos nessas fabricações históricas (SCHLEE, 2018, p. 49).

Exercício importante para cada um de nós: problematizarmos quem somos, e como nos relacionamos com a natureza e o pampa, como nos fala Renata Schlee (2018). Ao olhar para a relação gaúcho/natureza, Vieira (2017) encontra na música “um sujeito que pertence a essa paisagem, um gaúcho que enaltece a sua terra... Um gaúcho que é a natureza”(p. 60), o que tornou possível a fabricação discursiva do Naturalismo poético-pampeano:

A partir disso, compreendemos que, talvez, se trate de uma nova conceituação de natureza que não é mais apenas formada pelos elementos naturais. Mas é, também, o próprio homem, o gaúcho, que pertence a essa natureza. Ou seja, o enunciado em suspenso nos evidencia poeticamente uma articulação entre cultura e natureza (VIEIRA, 2017, p. 62).

As relações humanas com a natureza são transformadas todo o tempo, sendo uma invenção constante deste vínculo entre os corpos e o território, a constituição dessas relações com o pampa se potencializam entre cultura e natureza. Como nos fala Ana Godoy (2000, p.130) “o que se pode afirmar com isso é que a experiência da natureza – e a totalidade de signos a ela relacionados – é transformada pelas singularidades estéticas, conceituais e funcionais codeterminadas pela singularidade das experiências vividas”. Isso nos faz pensar nas relações que se estabelecem entre as mulheres e o território pampeano.

Nessa direção, pinçamos fragmentos do Diário de Cecília de Assis Brasil, publicado em 1983 e organizado por Carlos Reverbel. O Diário foi escrito por Cecília e retrata o período de 1916 a 1928, no município de Pedras Altas, RS. No diário escreveu sobre o cotidiano da família e suas vivências, que valorizavam o trabalho, a natureza, o conhecimento, o amor pela terra.

As vivências no pampa gaúcho narradas por Cecília de Assis Brasil no seu diário nos provocam a pensar como se constitui essas relações com a natureza e os modos de vida no

campo?

Terça-feira, 24 de outubro (de 1916) – (...) Demos umas voltas a pé, de tarde, e as minhas companheiras tentaram convencer-me que São Paulo ou Paris são melhores que o Ibirapuitã. Quando for a esses lugares saberei ao certo, mas por enquanto agarro-me ao meu ideal: a vida no campo. Sou assim, e agora? Tenho plena confiança de que meu amor ao campo nunca cessará de crescer (ASSIS BRASIL, 1983).

No fragmento, Cecília fala sobre o Rio Ibirapuitã, atualmente decretado sua Bacia Hidrográfica como Área de Proteção Ambiental pelo Decreto Federal n.º 529 de 20 de maio de 1992. Uma Unidade de Conservação localizada no pampa, com a finalidade de garantir a conservação significativa deste bioma e preservar a cultura e a tradição do gaúcho fronteiriço. Sua relação de amor ao campo, nos leva a pensar sobre como vamos nos constituindo pampeanos/as e adotando atitudes de cuidado, amor e proteção ao pampa e seus habitantes. Nas narrativas do diário, Cecília se refere sobre a sua relação com a natureza:

Quarta-feira, 15 de novembro (de 1916) - Recebi um cartão de Vovó e lhe escrevi uma carta, de que tirei estes trechos: “Quisera mandar-lhe um pouco deste rico cheiro de mato e flores e pasto que daqui estou sentindo. Sentada embaixo de uma enorme acácia, rodeada pelas árvores que formam a nossa Floresta, sinto uma moleza em todo o corpo, que é deliciosa. Estive aqui uma porção de tempo sozinha, escutando um sabiá que tem ninho aqui perto, e observando os diferentes tons das folhagens em volta de mim. É hora mais quente do dia. Mas a Floresta é tão fresquinha que todos os dias, depois do almoço, trago para cá um livro ou o meu diário para passar a tarde entretida. Trago o bordado só quando as manas vêm comigo, porque elas são tão brincalhonas que é impossível ficar-se sossegada. O Francisco vai aparecer daqui a pouco, a cavalo, para reclamar o mate, e pouco depois toda a criançada também, como um bando de caturritas, rindo e brincando pelo meio das árvores” (ASSIS BRASIL, 1983).

Embaixo das árvores, sentido o cheiro de mato e flores, as relações com a natureza no cotidiano de Cecília vai se construindo e se moldando. E nos questionamos: como nos constituímos como natureza, como pampa, como mulher? Que relações com a natureza vão se tornando legítimas? O que nos interessa aqui é problematizar o lugar das mulheres nas relações com o pampa. Uma relação com a natureza que muitas vezes é de amor, de carinho, de cuidado ao pampa. Questionar o que é tomado como natural, como uma essência feminina de cuidado com a natureza, e que muitas vezes direciona a nossa conduta nas vivências diárias.

Abaixo, Cecília relata seu firme propósito de embelezar seu canto no mundo:

Segunda-feira, 25 de dezembro (de 1916) – [...] Papai disse que dará um dote à filha que souber ser uma cozinheira de verdade. Não quero o tal dote, quero mostrar que sirvo para alguma coisa. Serviço é que não falta! Todos deviam nascer com o firme propósito de embelezar e tornar perfeito o canto do mundo em que vivem; por menor que seja, o esforço sempre há de aparecer. Tenho verdadeira pena de quem nunca comeu sequer uma batata plantada pelas suas próprias mãos, bem como dos que não conhecem os encantos que há na criação de um guacho, que nunca souberam como é bom colher flores no jardim onde se tenha acompanhado o desenvolvimento da planta, desde o primeiro broto saído da terra negra até alcançar os raios do sol, até abrir das pétalas em flor (ASSIS BRASIL, 1983, p. 24).

Cecília ao referir-se sobre sua experiência com a natureza, em consonância com o conto “Secreto Segredo” de Aldyr Schlee, é possível ver a posição das mulheres em relação ao pampa. Por isso, questionamos: qual o lugar da mulher no pampa? Muitas vezes ocupando o espaço do cuidado, o cuidado com o rancho, com os animais, com o guacho, com as galinhas, com as plantas, com as flores e as hortaliças, assim como os cuidados com os humanos.

É preciso salientar que não há o certo e o errado nas relações com o pampa, com a

natureza. Para isso Michel Foucault nos ajuda a desnaturalizar olhares, a romper com a essência, preocupamo-nos aqui em não criar generalizações e dicotomias, porque as relações das mulheres com a natureza e com o pampa gaúcho se constituem histórica e culturalmente, por mais naturalizadas que pareçam, são moldadas ao longo do tempo. Sabemos que há uma multiplicidade de formas de ver, ler, narrar e se relacionar com a natureza (GUIMARÃES, 2008) que são históricas e socialmente construídas e variam de acordo com o tempo e dentro das culturas e por um período de tempo.

A vida das mulheres do pampa gaúcho no campo e/ou nas cidades é móvel e presente, move-se ao longo do tempo, através da história, move-se em sentimentos e ideias. Em permanente diálogo com os significados produzidos pelas gerações que nos antecederam através dos séculos, vivemos imersos em uma rede de sentidos culturais historicamente construídos.

Desde a visão antropocêntrica, cunhada a partir do século XV, em que situa o homem como centro do universo, sendo a natureza como domínio do selvagem, estabelecendo-se, assim, a crença de que o progresso humano era medido por sua capacidade de dominar o mundo natural. Entretanto, no século XVIII, inicia-se uma mudança importante na percepção da natureza, chamado este fenômeno de “novas sensibilidades”, que se orientavam para a valorização das paisagens naturais, consideradas parte das raízes do interesse contemporâneo pela natureza (CARVALHO, 2012). É uma condição básica para pensarmos a história humana a maneira como a humanidade se relaciona com a natureza, e aqui nesta pesquisa, nas relações que se estabelecem no pampa gaúcho.

Somos herdeiros diretos de experiências que marcaram as relações humanas com o pampa, segundo Marcos Carvalho (1991, p. 16) “[...] para uma mesma pergunta – o que é natureza? -, encontraremos muitas respostas, dependendo do agrupamento humano, do tipo de sociedade, ou da classe de quem responde”. Ao longo da história do pampa, construíram-se modos diversos de ser e de estar no mundo, diversas maneiras de lidar com o tempo e com o espaço, através de muitas práticas, essas concepções foram e são apreendidas e interiorizadas, tornando-as quase “naturais”, ainda que sejam fatos culturais.

Talvez seja hora de buscar fissuras no campo da Educação Ambiental, e olhar para a possibilidade de criação de outras educações ambientais, de resistir ao que está dado, de estranhar as verdades e as certezas, através de um exercício filosófico, e de “andar por caminhos tortos” como nos fala Nietzsche (2008, p. 65), suspeitar do que nos torna rebanhos. Para além de uma Educação Ambiental que nos ensine a solução dos problemas, conduzindo nossas formas de vidas e subjetividades, buscamos, como pesquisadoras/es educadoras/es-ambientais, pensar diferente, pensar, criar outras educações ambientais possíveis (HENNING, MUTZ e VIEIRA, 2018), outras formas de conviver com o planeta, com o lugar onde vivemos, com o pampa. Segundo Henning:

Es en ese lugar, marcado por el carácter experimental de la vida que existe atravesada por la ética y la política, en el deseo de pensar el mundo en que estamos implicados, que las educaciones ambientales menores pasan por el arte de vivir aquello que se nos disipa (HENNING, 2017, p. 353).

Aceitando o convite de Paula Henning, passamos a olhar para o Pampa, atravessadas pela filosofia, problematizando as relações entre as mulheres infames pampeanas e a natureza, na potência de pensamento que abandona as certezas, contestadora do presente e que busca a invenção de desvios e de novas conexões.

É a partir dessas provocações que olhamos para a literatura e outras práticas culturais como ferramentas potentes que atravessam o campo da Educação Ambiental. As relações das mulheres infames com a Natureza, o Pampa e a Educação Ambiental são interpeladas através

da cultura, por significados que se estabelecem diariamente. Nos fragmentos literários podemos observar as vivências de mulheres infames marcadas pelo amor à vida no campo, entre o trabalho e a lida campeira, nos convidando a degustar um mate, leituras e bordados; a natureza e o pampa são narrados fazendo parte da sua vida rotineira entre descobertas e paisagens pampeanas.

Ao filosofar sobre as relações do ser humano com a natureza, se torna extremamente importante para os fundamentos da Educação Ambiental, pensar para além do antropocentrismo, olhar para os modos que interagimos, cuidamos, protegemos a natureza, produzida numa trama histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Natureza, Mulheres.

REFERÊNCIAS

ASSIS BRASIL, Cecília. **Diário de Cecília de Assis Brasil**. REVERBEL, Carlos (org.). Porto Alegre, L&PM, 1983, 208p.

BRASIL. Decreto nº 521, de 20 de maio de 1992. Declara como Área de proteção Ambiental do Ibirapuitã, no Estado do Rio Grande do Sul, a região que delimita e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, seção 1, p. 6311, 1992.

CARVALHO, I.C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 6 ed., 256p., 2012.

CARVALHO, M. **O que é Natureza?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectivas**, n.º 14, v.4, p. 129-138, 2000.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n.1, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/4244/4174> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

HENNING, Paula. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. **Bajo Palabra**. 11 Época, n.º 17, 2017, p.341-358.

HENNING, Paula C.; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia T. (org). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. Curitiba/PR: Appris Editora, 2018.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: LP&M, 2008. 192p.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de Sempre**. São Paulo: LR Editores Ltda. 149 p. 1983.

SCHLEE, R.L. **A vida, a arte e a Educação Ambiental nos atravessamentos de uma natureza pampeana.** (Tese de Doutorado). PPGEA/FURG, Rio Grande, 2018.

VIEIRA, V.T. **Naturalismo Poético-pampeano: uma potência musical do pensar.** (Tese de Doutorado). PPGEA/FURG. Rio Grande, 2017.